

Um bom negócio: o discurso empresarial no jornal FSP no contexto das mudanças climáticas¹

Luciana Miranda COSTA²
André Luiz Palmeira da SILVA³
Laura Santos de SOUZA⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN
Instituto de Estudos Superiores da Amazônia, Belém, PA

Resumo

Este artigo, que faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca comparar os discursos das principais publicações jornalísticas do país, tem como objetivo analisar as matérias publicadas pelo jornal Folha de S.Paulo sobre a temática “mudanças climáticas” em 2009, ano da 15ª Conferência das Nações Unidas sobre o Clima (COP-15). O intuito principal foi verificar como se estruturou o discurso da publicação a partir de suas fontes empresariais, dada a importância destas últimas no ainda intenso debate “desenvolvimento econômico x preservação ambiental”, constantemente reproduzido pela mídia impressa brasileira. Utilizando-se de fontes recorrentes, o jornal valorizou a maioria das ações empresariais, com poucas críticas, defendendo a necessidade de adaptação das empresas às novas demandas ambientais, marcadas pela necessidade de um crescimento econômico sustentável. O instrumental teórico de análise foi encontrado em autores do Jornalismo, Sociologia e Semiologia dos Discursos Sociais.

Palavras – chave: Comunicação, Meio Ambiente, Mudanças Climáticas, COP 15, Folha de S.Paulo.

Introdução

A preocupação com os problemas causados ao meio ambiente não é nova e tem sido um assunto recorrente nas últimas décadas. A Conferência de Estocolmo⁵, realizada em 1972, foi pioneira em relação a uma preocupação global sobre o tema. Duas décadas depois houve uma intensificação dos debates com a ECO 92⁶, no Rio de Janeiro. O ano de 2009

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, no Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora do curso de Comunicação Social da UFRN e da Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Amazônia da UFPA. E-mail: lmirandaeua@hotmail.com

³ Formado em Comunicação Social – Multimídia pelo IESAM/Belém. E-mail: andreallmeira@gmail.com.

⁴ Graduada do 3º semestre de Radialismo da UFRN e aluna de Iniciação Científica. E-mail: laurasantosdes@gmail.com.

⁵ A Conferência de Estocolmo, organizada pelas Nações Unidas, reuniu líderes de várias partes do mundo para discutir os problemas ambientais causados pelo homem e debater princípios de preservação e melhoria na relação homem – ambiente. O resultado deste encontro foi a “Declaração de Estocolmo sobre o ambiente humano”, disponível em: <<http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Meio-Ambiente/declaracao-de-estocolmo-sobre-o-ambiente-humano.html>>. Acessado em: 12 de Junho de 2016. Mais informações também em: <http://www.agenda21local.com.br/con2c.htm>

⁶ “Cerca de 180 chefes de estado e de governo se reuniram no Riocentro, entre os dias 3 e 14 de junho de 1992, na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento (Rio 92) ou Cúpula da Terra. Segundo a

também foi crucial para o debate sobre os problemas ambientais em nível global. Copenhague, capital da Dinamarca, sediou a 15ª Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, conhecida como COP-15. De 7 a 18 de dezembro, mais de 190 nações reuniram-se na tentativa de buscar soluções para o aquecimento global⁷ e uma alternativa ao Protocolo de Kyoto⁸, com ampla cobertura midiática nacional e internacional.

Apesar disso, a mídia impressa brasileira não tem explicitado suficientemente as causas e consequências das mudanças climáticas (COSTA, 2008, 2010, 2012), o que implica na formação de cidadãos pouco informados a respeito do fenômeno e, como reflexo, a pontualidade ou vulnerabilidade de políticas públicas relacionadas ao tema, especialmente aquelas voltadas à região amazônica (COSTA, 2010).

O jornalismo, inicialmente identificado apenas com a imprensa, deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos e voz na expressão das suas preocupações. (TRAQUINA, 2005, p. 129).

Havia uma grande expectativa durante a COP 15 em relação a um novo acordo que substituísse o Protocolo de Kyoto, acordado em 1997 na COP 3, sediada na cidade japonesa. Os debates do evento se refletiram também no Brasil⁹, especialmente na região amazônica, por esta ter sido um dos pontos da discussão sobre o corte de emissões de gases poluentes do país, bem como sobre a adoção ou não do sistema de Redução de Emissões por

ONU [Organização das Nações Unidas], nove mil jornalistas de todo o mundo se credenciaram para acompanhar as discussões sobre desenvolvimento sustentável, que tinham sido iniciadas em 1972, na Conferência de Estocolmo, da qual resultou na Declaração de Estocolmo. Segundo especialistas, a Rio 92 consolidou uma agenda global para o meio ambiente”. Mais informações em: <http://oglobo.globo.com/economia/rio20/o-que-foi-rio-92-4981033#ixzz2rciOfLc1> Acesso em: 11 de Julho de 2016.

⁷ O aquecimento global é um fenômeno particular das mudanças climáticas. Corresponde ao aumento da temperatura global e da capacidade da atmosfera em absorver o calor (Fonte: <http://www.mudancasclimaticas.andi.org.br/node/657>) “As causas do aquecimento global, apontado como principal responsável pelas mudanças climáticas globais, são muito pesquisadas. Existe uma parcela da comunidade científica que atribui esse fenômeno a um processo natural, afirmando que o planeta Terra está numa fase de transição natural, um processo longo e dinâmico, saindo da era glacial para a interglacial, sendo o aumento da temperatura consequência desse fenômeno. No entanto, as principais atribuições para o aquecimento global são relacionadas às atividades humanas, que intensificam o efeito de estufa através do aumento na queima de gases de combustíveis fósseis, como petróleo, carvão mineral e gás natural. A queima dessas substâncias produz gases como o dióxido de carbono (CO₂), o metano (CH₄) e óxido nitroso (N₂O), que retêm o calor proveniente das radiações solares, como se funcionassem como o vidro de uma estufa de plantas, esse processo causa o aumento da temperatura. Outros fatores que contribuem de forma significativa para as alterações climáticas são os desmatamentos e a constante impermeabilização do solo”. Disponível em <http://www.brasilecola.com/geografia/aquecimento-global.htm>.

⁸ O Protocolo de Kyoto é um acordo internacional assinado em 1997, na cidade de Kyoto, no Japão, quando 84 países decidiram reduzir as emissões de gases-estufa dos países industrializados e garantir um modelo de desenvolvimento limpo aos países em desenvolvimento. O documento previa que, entre 2008 e 2012, os países desenvolvidos reduziram suas emissões em 5,2% em relação aos níveis medidos em 1990. Fonte: http://www1.folha.uol.com.br/fohla/ciencia/2001-efeito_estufa-protocolo_de_kyoto.shtml. Acesso em 11 de Julho de 2016. As metas previstas não foram cumpridas.

⁹ Em de 2009 foi instituída a Política Nacional sobre a Mudança do Clima (PNMC), por meio da Lei nº 12.187/2009. Ela oficializa o compromisso voluntário do Brasil junto à Convenção-Quadro da ONU sobre Mudança do Clima de redução de emissões de gases de efeito estufa entre 36,1% e 38,9% das emissões projetadas até 2020. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/clima/politica-nacional-sobre-mudanca-do-clima>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

Desmatamento e Degradação (REDD)¹⁰, como um sistema de mercado de créditos de carbono (COSTA, CUNHA, VELLOSO, 2012, p.2-3).

Sem contar os gastos com a redução do ritmo do desmatamento do cerrado, o governo estima em US\$ 166 bilhões o custo, em dez anos, para cortar as emissões de gases-estufa no Brasil entre 36% e 39% do volume estimado para 2020 [...]. O governo prevê que a redução em 80% do desmatamento da Amazônia exigirá investimentos de US\$ 21 bilhões ao longo de dez anos. A recuperação de pastagens degradadas e demais medidas na área de agricultura consumiriam pouco mais de US\$ 32 bilhões [...]. (FSP. “País prevê US\$ 166 bi para cortar CO2”, 17/12/2009).

A decepção com o encontro na Dinamarca causou reações negativas, inclusive entre os veículos de comunicação, que demonstraram sua insatisfação de forma veemente (“... desfecho confuso e melancólico”).

Apesar da presença da elite do poder político mundial e da inédita demonstração de mobilização da sociedade civil globalmente organizada pelo tema, o que definiu o caráter singular tanto da cúpula de lideranças globais, quanto da COP15, foi o desfecho confuso e melancólico. Como explicar que uma reunião que se dá no mais favorável contexto dos últimos tempos, com uma ampla janela de oportunidade aberta para um bom acordo, termine em ambiguidade e impasses subterrâneos? (ABRANCHES, 2010).

Um dos motivos que ocasionou o término insatisfatório do encontro foi a ênfase política da reunião. “Uma cúpula política de governantes interveio em uma reunião diplomática formal, com agenda prefixada e procedimentos regulares” (ABRANCHES, 2010). Esse acontecimento, marcado por holofotes, diminuiu a importância social da conferência, transformando o episódio em espetáculo político e midiático.

O então presidente do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, foi um dos destaques no encontro na Dinamarca ao propor ajuda financeira a outros países para combater as emissões de gases de efeito estufa¹¹. Lula mostrou-se igualmente ativo durante os debates,

¹⁰ “No ano de 2007, durante a 13ª Conferência das Partes da UNFCCC (COP-13), em Bali, foi adotado o Plano de Ação de Bali, que determinou REDD como uma das potenciais ações de mitigação de mudanças climáticas. Foi adotada decisão que estimula os países a reduzir emissões por desmatamento e degradação, assim como a promover investimentos em construção de capacidades, transferência de tecnologia, identificação de opções e apoio a atividades demonstrativas. Ficou acertado que as premissas fariam parte de um novo acordo internacional, o qual deveria ser concluído na 15ª Conferência das Partes (COP-15), em Copenhague. Foi também durante a COP-13 que o conceito inicial foi ampliado pela segunda vez, e passou a ser conhecido como REDD+. Isso significa que, além das reduções por desmatamento e degradação, ele passou a abranger a tarefa da conservação florestal, do manejo sustentável e do aumento dos estoques de carbono. O compromisso foi registrado no Plano de Ação de Bali”. Disponível em: <http://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27940-entenda-o-que-e-redd/>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

¹¹ “Os gases do efeito estufa envolvem a Terra e fazem parte da atmosfera. Estes gases absorvem parte da radiação infravermelha refletida pela superfície terrestre, impedindo que a radiação escape para o espaço e aquecendo a superfície

como pode ser percebido no título da reportagem abaixo (“Em discurso forte, Lula tenta salvar COP-15 do naufrágio”) e por fazer, inclusive, críticas à posição americana do presidente Barack Obama, que parecia se mostrar um pouco mais flexível que o seu antecessor, George W. Bush, para estabelecer metas de redução. Se os Estados Unidos (USA) cedesse um pouco, a China talvez se mostrasse mais disposta a assinar um acordo também. Mas não foi isso que aconteceu.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva afirmou nesta sexta-feira em Copenhague, na Dinamarca, que está frustrado com a falta de um acordo pela redução de gases do efeito estufa. Lula também disse que o Brasil está disposto a oferecer ajuda ao fundo global de US\$ 100 para ajuda aos países pobres. (Ângelo, C. COELHO, L. Lula se diz frustrado e oferece ajuda para o fundo climático de US\$ 100 bi. Folha de S. Paulo, São Paulo, 18 dez. 2009).

“Confesso a todos vocês que estou um pouco frustrado porque há muito tempo discutimos a questão do clima e cada vez mais constatamos que o problema é mais grave do que podíamos imaginar. Pensando em contribuir para a discussão nesta COP, o Brasil teve uma posição muito ousada”, o presidente iniciou sua fala. Em seguida, listou as metas e as ações a que o País se comprometeu. “Não é uma tarefa fácil, mas foi necessário tomar essas medidas para mostrar ao mundo que, com meias palavras e com barganhas, a gente não encontraria uma solução nesta Conferência de Copenhague.” (AGÊNCIA ESTADO. Em discurso forte, Lula tenta salvar COP-15 do naufrágio. Gazeta do Povo, Paraná, 18 dez. 2009).

Recorte Metodológico

Este artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla (CNPq 2013)¹² sobre a cobertura midiática relativa ao tema “Mudanças Climáticas”, cujo objetivo geral é analisar o modo como a mídia construiu seu discurso¹³ sobre as temáticas ambientais desde a década de 90 até os anos mais recentes (2002-2014), a partir de suas fontes de informação (políticas, empresariais, científicas etc). Para isso, estão sendo realizados levantamentos e análises dos dados coletados nos arquivos *online* de quatro mídias impressas de circulação nacional (Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, Revista Veja e Revista Carta Capital).

Para este artigo, a análise diz respeito às matérias jornalísticas publicadas pelo jornal Folha de S.Paulo em 2009. O objetivo principal foi analisar como se estruturou o discurso

da Terra”. Fonte: http://www.institutocarbonobrasil.org.br/mudancas_climaticas/gases_do_efeito_estufa. Mais informações em <http://www.usp.br/qambiental/tefeitoestufa.htm>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

¹² “Mudanças Climáticas, Mídia Impressa e Políticas Públicas: Uma Análise do Discurso Jornalístico e sua Interface com o Discurso Político” (Edital Universal CNPq, 2013). Coordenação: Profa Dra Luciana Miranda Costa (UFRN/UFPA).

¹³ Para Foucault, o “termo discurso poderá ser fixado como o conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação” (FOUCAULT, 2008, p.122).

da publicação a partir de suas fontes empresariais¹⁴, dada a importância destas últimas no ainda controverso debate “desenvolvimento econômico x preservação ambiental”, recorrentemente reproduzido pela mídia impressa brasileira (COSTA, 2010 e 2012). A seleção das matérias foi feita entre os meses de agosto de 2015 e maio de 2016 no banco de dados *on line* do referido jornal (<http://www.folha.uol.com.br/>), a partir das palavras-chave “aquecimento global”, “mudanças climáticas”, “Protocolo de Kyoto” e “IPCC”¹⁵.

O jornal Folha de São Paulo (FSP), escolhido para o recorte analítico, foi lançado em 19 de fevereiro de 1921, da junção dos jornais “Folha da Noite”, “Folha da Manhã” e “Folha da Tarde”. A FSP foi criada para fazer oposição ao jornal O Estado de S.Paulo, de cunho mais conservador à época, apostando na clareza e objetividade de seus textos. Se no início, o posicionamento político da FSP era considerado de centro-esquerda¹⁶, devido ao espaço concedido na publicação a vozes de diferentes posições partidárias e em virtude de sua postura editorial de base pluralista, nos últimos anos o jornal tem criticado com frequência os governos petistas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010) e da presidente Dilma Rousseff (2011-2016)¹⁷, considerados de “esquerda”. Trata-se de um dos jornais mais vendidos do Brasil tendo sido, segundo a ANJ (Associação Nacional de Jornais), o mais acessado em plataforma digital em 2015 e o terceiro no ranking de tiragens em circulação impressa, também em 2015¹⁸. O público-alvo do jornal está focado nas classes A e B¹⁹.

¹⁴ Herbert Gans (1979, p.80) define “fontes” como as pessoas que os jornalistas observam ou entrevistam e que fornecem informações ou sugestões de pauta, enquanto membros ou representantes de um ou mais grupos (organizados ou não) de utilidade pública ou de outros setores da sociedade. Disponível em: <http://fontespautam.wordpress.com/2010/02/08/o-que-e-fonte-jornalistica/>

¹⁵ O Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC) é o principal organismo internacional para avaliação das mudanças climáticas. Foi estabelecido pela Organização das Nações Unidas para o Ambiente (UNEP) e a Organização Meteorológica Mundial (OMM) para fornecer ao mundo uma visão científica clara sobre o estado atual do conhecimento da mudança do clima e seus potenciais impactos ambientais e socioeconômicos. Fonte: <http://www.ipcc.ch/organization/organization.shtml#.T9tqvoGI7N4>

¹⁶ Informações sucintas sobre o conceito em: <http://brasile scola.uol.com.br/politica/direita-esquerda.htm>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

¹⁷ Em 17 de abril de 2016, com 367 a favor dos 513 votos, o processo de impeachment contra a presidente Dilma Rousseff passou na Câmara dos Deputados e seguiu para votação no Senado Federal, tendo sido aprovado com 55 votos dos senadores. A presidente é acusada de “crime de responsabilidade fiscal”. O vice, Michel Temer, assumiu interinamente a presidência do país por um período de 180 dias. Após esse período, no qual a presidente apresenta sua defesa, o Senado faz uma nova votação sob a presidência do presidente do Supremo Tribunal Federal. Para mais informações sobre o processo, acessar <http://especiais.g1.globo.com/politica/2016/dilma-o-mandato-em-jogo/>. Acesso em 11 de Julho de 2016.

¹⁸ Mais informações em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil>

¹⁹ Classes A e B são especificações de classes sociais utilizadas no país e definidas pelo Critério de Classificação Econômica Brasil em função do poder de compra e consumo de certos itens pelas famílias brasileiras. Fonte: <http://www.logisticadescomplicada.com/as-classes-sociais-e-a-desigualdade-no-brasil/>. Mais informações: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/>

A Análise do Discurso (AD), de vertente francesa, a exemplo da pesquisa mais ampla já citada, foi escolhida como o principal método de análise (PÊCHEUX, 1995). Segundo Dominique Maingueneau (1976 apud BRANDÃO, 2004, p.13), o método da AD teve suas bases lançadas pelos chamados formalistas russos, quando estes se propuseram a estudar a estrutura dos textos. Porém, foi somente com a chamada Escola Francesa, na década de 60, que se desenvolveu a Análise do Discurso que tem como proposta o estudo não só da estrutura do texto, mas das condições em que o mesmo foi produzido. Na perspectiva de Brandão (2004), a análise do discurso faz um paralelo entre a esfera social e a linguística, mas ultrapassa essa condição e abrange outras áreas de conhecimento. Deste modo, o discurso foi tomado como a instância de produção da realidade e razão das lutas políticas pela hegemonia do poder de fazer ver e fazer crer (BOURDIEU, 1998).

[A linguagem] “não pode ser encarada como uma entidade abstrata, mas como o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente, em que o ideológico, para se objetivar, precisa de uma materialidade” (BRANDÃO, 2004, p. 9)²⁰.

A FSP e a COP 15

Para elaboração deste artigo foram coletadas 519 matérias jornalísticas na FSP em 2009 que tratavam sobre a temática ambiental. Destas, no entanto, apenas 24 foram selecionadas por fazerem menção a fontes empresariais nos textos. Ressalta-se que um dos grandes responsáveis pelo aumento da poluição no planeta e esgotamento dos recursos naturais são as empresas, especialmente as indústrias. (Veja, Ed. 2145, 30/12/2009, p.264 apud COSTA *et al*, 2015, p.7).

Do total de 24 matérias do jornal Folha de S.Paulo, 22 mencionam a preocupação de empresas, autoridades e representantes da sociedade civil em reduzir emissões de gases prejudiciais ao meio ambiente (“Número crescente de empresas em vários setores...”), valorizando um desenvolvimento de tipo sustentável²¹. Os subtemas mais recorrentes nas

²⁰ Chauí (1984) define ideologia, sob a ótica marxista, como um conjunto organizado de representações, ideias, valores sociais, normas e procedimentos de conduta oferecidos e compartilhados em sociedade. As ideologias oferecem maneiras de perceber e entender o mundo.

²¹ O conceito de desenvolvimento sustentável, conforme o Relatório Brundtland (Nosso Futuro Comum) de 1991, pressupõe um modelo de desenvolvimento que atenda às necessidades do presente, sem comprometer a possibilidade das gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades. Assim, a busca pelo desenvolvimento sustentável tem conduzido a constantes desafios e questionamentos, pois conceitos antes considerados antagônicos, como lucro, preservação do meio ambiente e bem-estar social devem ser agora harmonizados e tratados de forma indissociável. Disponível em: http://www.floresta.ufpr.br/pos-graduacao/defesas/pdf_ms/2006/d462_0636-M/parte_2.pdf. Acesso em: 11 de Julho de 2016.

matérias jornalísticas analisadas estiveram ligados à emissão de gases poluentes pelas empresas (agravando o “efeito estufa” na atmosfera) e à compra de créditos de carbono pelos países “ricos”. As matérias também demonstraram uma preocupação do próprio jornal (“...a melhor estratégia é...”) com a necessidade de adaptação das empresas ao novo cenário ambiental (“para não serem tragados pela obsolescência...”).

Juntem-se essas iniciativas a outras já realizadas ou em processo e constataremos que a economia de baixo carbono não é uma teoria do gueto, como ainda se quer fazer crer. Número crescente de empresas, em vários setores, entenderam que ela é irreversível e que a melhor estratégia é iniciar a transição já, para não serem tragados pela obsolescência num ponto de não retorno. (SILVA, M. Mudança no clima. Folha de S. Paulo, São Paulo, 24 ago. 2009).

O quadro abaixo explicita o número de vezes que as empresas foram citadas nas matérias, tendo seus representantes como fontes da informação jornalística. O destaque é, sem dúvida, para os bancos (diretamente envolvidos com a compra de créditos de carbono), seguidos pela Petrobras.

Instituições mais citadas	Número de vezes em que foram citadas
Bradesco	8
Petrobras	8
Santander	6
Vale	5
Mars	5
Volkswagen	4
Itaú	3
Ford	2
Honda	2
Shell	2

A Petrobras e o Bradesco, como pode ser visto acima, destacam-se como empresas mais citadas nas matérias, ora com enfoque positivo ora negativo, embora, na maioria dos textos da FSP, a imagem das empresas em relação ao meio ambiente é construída positivamente. A Petrobras chamou a atenção, por exemplo, na matéria do dia 21 de setembro de 2009, cujo título era: “Grandes empresas brasileiras fazem pouco, diz

pesquisa” (assinada pelo jornalista Cláudio Ângelo), que relata o desempenho decepcionante de empresas brasileiras no que diz respeito às reduções de emissões de gás carbônico, na qual a Petrobras e o Itaú foram considerados com os piores resultados.

Apesar de se declararem preocupadas com as mudanças climáticas, as empresas brasileiras pouco têm feito para contabilizar e reduzir suas emissões de gás carbônico, o principal gás de efeito estufa. (ÂNGELO, C. Grandes empresas brasileiras fazem pouco, diz pesquisa, São Paulo, 21 set. 2009).

A Petrobras das sete empresas (Ambev, Vale, Itaú, Bradesco, Eletrobrás e Banco do Brasil), foi quem teve o pior desempenho ao lado do Itaú (44 pontos). A estatal optou por divulgar dados de suas emissões só para investidores. (ÂNGELO, C. Grandes empresas brasileiras fazem pouco, diz pesquisa, FSP, São Paulo, 21 set. 2009).

O Bradesco aparece de forma positiva na reportagem de 02/07/2009, “Bancos abrem mais espaço para linhas com créditos de carbono” (assinada por Gitânio Fortes), na qual o nome do banco aparece três vezes.

A atuação em créditos de carbono integra a estratégia do Santander na área de financiamentos para sustentabilidade, diz Julio Bin, superintendente de desenvolvimento da área. O Bradesco, por sua vez, desde abril tem uma linha para financiar projetos de MDL (Mecanismo de Desenvolvimento Limpo), que respeitam critérios estabelecidos pelas Nações Unidas. (FORTES, Gitânio. Bancos abrem mais espaço para linhas com créditos de carbono. Folha de S. Paulo, São Paulo, 02 de julho de 2009).

O nome do Bradesco e seu envolvimento com questões ambientais também é destaque em outro trecho da mesma reportagem: “Ao todo, o Bradesco dispõe de 34 produtos, que chegam a R\$ 2,14 bilhões disponíveis para questões socioambientais”. Já na reportagem assinada por André Palhano, de 29 de setembro de 2009, com o título: “Empresas cobram posição do governo sobre meta climática”, o Bradesco, além de outras empresas, é citado novamente como uma instituição responsável ambientalmente, que “cobra” uma postura do governo federal na COP 15 (“Os empresários querem...”).

Os empresários querem que a diplomacia brasileira, no fim do ano, assumira uma posição de liderança para a definição de metas claras de redução global de emissões de carbono, que defenda e agilize a implementação de mecanismos de desenvolvimento limpo e que regulamente o chamado Redd. Por esse mecanismo, recursos seriam dados para quem reduzisse o desmatamento. (GERAQUE, Eduardo. Em carta, empresas prometem reduzir emissão de carbono. Folha de S.Paulo, São Paulo, 26 de agosto de 2009).

Ao documento, concebido em conjunto com o Fórum Amazônia Sustentável e o Instituto Ethos, seguiram-se uma série de outros, de conteúdo semelhante, como o do CEBDS (Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável), assinado por empresas como Bradesco, Gerdau, Nestlé, Philips e Petrobras, entre outras. (PALHANO, André. Empresas cobram posição do governo sobre meta climática. Folha de S.Paulo, São Paulo, 29 de setembro de 2009).

As reportagens “Empresas cobram posição do governo sobre meta climática” (29 de setembro de 2009) e “Em carta, empresas prometem reduzir emissão de carbono” (26 de agosto de 2009), citadas acima, destacam não somente a importância de se tratar a questão ambiental para evitar calamidades provocadas pelo aquecimento global, mas porque a redução das emissões de gás carbônico tornou-se não apenas ambientalmente correta, mas um bom negócio. Em entrevista para a reportagem veiculada no dia 26 de agosto de 2009, o diretor-presidente da Vale, Roger Agnelli, comenta que “qualquer empresa que esteja no mercado internacional hoje precisa colocar a questão das mudanças climáticas em seus planos estratégicos, sob pena de sofrer prejuízos reais”. O discurso do diretor-presidente da Vale reforça que adequar-se à consciência ambiental é necessário para participar do mercado e sobreviver nele, o que a reportagem aponta como um claro indício de adaptação “pragmática e inteligente” das empresas.

Os grandes atores da economia finalmente percebem que o meio ambiente é parte do business e que não se pode ignorá-lo, sob pena de todos perderem. As mudanças climáticas já chegaram ao mundo real do mercado, que certamente não perdeu a sua lógica, pautada pela realização do lucro. Está apenas reconhecendo, claramente, uma ruptura em curso na história. E, pragmática e inteligentemente, se adapta a ela. (SILVA, Marina. Mudança no clima. Folha de S.Paulo, São Paulo, 24 de agosto de 2009).

O que explica o tamanho (e inédito) interesse do setor privado pela questão ambiental, segundo os especialistas, é o fato de que ela passou definitivamente a ser, também, uma questão econômica (PALHANO, André. Empresas cobram posição do governo sobre meta climática. Folha de S. Paulo, São Paulo, 29 de setembro de 2009).

O setor financeiro aguarda com expectativa uma possível migração de bilhões de dólares em recursos para novos setores da economia, especialmente os ligados a energias de fontes renováveis. (PALHANO, André. Empresas cobram posição do governo sobre mudança climática. Folha de S.Paulo, São Paulo, 29 de setembro de 2009).

Ainda de forma positiva, a reportagem “Novas empresas vão oferecer serviços de ‘gestão de carbono’”, do dia 27 de setembro de 2009, cita a Petrobras como uma companhia

inovadora que investe na gestão de CO₂ (“...destacam a Petrobras como órgão que deu suporte e possibilidades de sustentabilidade...”).

A pressa que o aquecimento global impõe cria problemas, mas traz oportunidades de inovação. O Brasil, por causa de trabalhos como os do Centro de Pesquisas da Petrobras e os de algumas universidades, destaca-se na pesquisa verde” (DA REDAÇÃO. FSP. Novas empresas vão oferecer serviços de ‘gestão de carbono, São Paulo, 27 de setembro de 2009).

‘Esse CO₂ pode ser utilizado para aumentar a própria criatividade [do cliente]’, diz Rafael Bianchini, engenheiro que passou por Petrobras, universidades cariocas e gaúchas e agora é sócio da Climate Consulting”, destacam a Petrobras como órgão que deu suporte e possibilidades de sustentabilidade, através de investimento em pesquisa. (DA REDAÇÃO. FSP. Novas empresas vão oferecer serviços de ‘gestão de carbono, São Paulo, 27 de setembro de 2009).

Observe-se que a menção a iniciativas que poderiam adotar mecanismos menos agressivos ao meio ambiente esteve presente em várias reportagens (“...a solução existe, pelo menos segundo a Mars”...), valorizando o protagonismo de muitas empresas.

Para piorar o cacau é natural de florestas tropicais e precisa de umidade, mas plantações têm sido cada vez mais atingidas por secas, que provavelmente ficarão mais frequentes com o aquecimento global. A boa notícia é que a solução existe, pelo menos segundo a Mars, dona da marca M & M’s, empresa que mais vende chocolate no mundo. Cientistas da companhia estão conduzindo agora um estudo sem precedentes sobre a genética do cacau, e os resultados ficarão disponíveis de graça. (MACKENZIE, Débora. Genoma livre tenta evitar crise do cacau. Folha de São Paulo, São Paulo, 01 de janeiro de 2009).

Além disso, o uso da conjunção adversativa “mas” pelo discurso jornalístico, contribuiu para reforçar, em algumas matérias, a construção de uma imagem positiva das empresas relacionada ao tema, como no trecho mais acima (“...cria problemas, mas traz oportunidades de inovação”). O uso da conjunção, que é constante em boa parte das reportagens, também chamou a atenção para as incertezas e as suposições em relação ao tema mudanças climáticas, como na matéria “Usina quer enterrar emissões sob o mar”.

Especialistas há anos acham que capturar as emissões das usinas elétricas será crucial para controlar a mudança climática. Mas projeções sobre o alto custo e a incerteza científica limitaram o progresso dessa tecnologia GALBRAITH, Kate. Usina quer enterrar emissões sob o mar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 de abril de 2009).

A proposta desperta dúvidas ambientais e políticas, e não está claro se a empresa superará a oposição contra a construção da nova usina elétrica no Nordeste dos EUA. Mas se a proposta for aprovada e conseguir sepultar 90% das suas emissões de CO₂, como planejado, será um grande passo na direção de uma solução tecnológica para o aquecimento global. (GALBRAITH, Kate. Usina quer enterrar emissões sob o mar. Folha de S. Paulo, São Paulo, 27 de abril de 2009).

Outros subtemas presentes nas matérias jornalísticas da FSP foram: os programas de TV com enfoque sobre o clima (“TVs criam eco-realities para fazer debate ‘verde’”, de Audrey Furlaneto, 10 de maio de 2009), a agricultura sustentável (“Genoma do gado visa melhor carne”, de Eduardo Geraque e Eduardo Scolese, 24 de abril de 2009), personalidades que se destacaram graças ao posicionamento sobre o aquecimento global (“Nature elege chefe de energia dos EUA o personagem de 2009”, da Redação, 25 de dezembro de 2009) e as iminências de crises econômicas e sociais no mundo devido as mudanças climáticas (“Aquecimento provocará crise alimentar”, da Reportagem local, 10 de janeiro de 2009).

Conclusão

Um aspecto convergente nas reportagens analisadas do jornal Folha de São Paulo em 2009, que trataram sobre as mudanças climáticas no contexto da COP15, foi uma abordagem favorável a empreendimentos considerados ambientalmente sustentáveis e a decisões políticas que apontassem nessa direção. A FSP baseou-se, predominantemente, por meio de suas fontes (inclusive políticas), no discurso econômico para construir sua narrativa jornalística sobre as mudanças climáticas. Outros grupos sociais, como os moradores da região amazônica, diretamente ligados à problemática, praticamente não tiveram espaço ou "voz" nas páginas do jornal, dificultando um posicionamento mais crítico ou pluralista da publicação. O discurso jornalístico foi construído a partir da recorrência a outros discursos, indicando uma regularidade na utilização de suas principais fontes empresariais, favorecendo a construção de uma imagem positiva do setor empresarial no que se refere ao tema.

Referências Bibliográficas

ABRANCHES, Sérgio. **A COP15: apontamentos de campo**. Estudos Avançados, São Paulo, v. 24, n. 68, p. 121-132, 2010. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142010000100011.
Acesso em 09 de maio de 2016.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**/ Trad. Fernando Tomaz. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à Análise do Discurso**. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

CHAUÍ, M. **O que é Ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COSTA, L.M. **Palavras Verdes: análise discursiva da cobertura da imprensa sobre meio ambiente (2002-2006)**. Relatório Técnico. Capes, Julho de 2012. Mimeo.

COSTA, L. **As Mudanças Climáticas na pauta da mídia impressa brasileira: informação e desinformação na construção de políticas públicas para a Amazônia**. Projeto de Pesquisa apresentado ao CNPq. Maio de 2010. Mimeo.

_____. **Palavras Verdes: análise discursiva da cobertura da imprensa sobre meio ambiente (2002-2006)**. Relatório Técnico. CNPq, Setembro de 2008. Mimeo.

COSTA, L.M.; CUNHA, K; VELLOSO, B. **A COP-15 e o Discurso dos Jornais Brasileiros: quem afinal pode falar sobre a Amazônia?**. Anais do VI Encontro Nacional da ANPPAS, Belém, 2012. Disponível em www.anppas.org.br

COSTA, L.M., SAMPAIO, Y.E., MACÊDO, A.M.P.; PALMEIRA André. **Preservação Ambiental x Crescimento Econômico? As mudanças climáticas nas páginas da Revista Veja**, Anais da Intercom 2015, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em www.intercom.org.br

COSTA, L.M., MIRANDA, C. P. C.; SILVA, L.M.. **O Discurso Ambiental e as Fontes Políticas: a Construção de Sentidos sobre as Mudanças Climáticas na Folha de São Paulo**. Anais do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Foz do Iguaçu: Intercom, 2014. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-1904-1.pdf>.

FOUCAULT. M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GANS, H. **Deciding What's News: A Study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time**. New York: Random House, 1979.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PINTO, M. J. **Comunicação e Discurso: introdução à análise de discursos**. São Paulo: Hackers Editores, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento**. Coimbra: Minerva, 2005.

Principais Sites Consultados

AGÊNCIA BRASIL. **Lula critica posição dos EUA na COP-15, mas comemora acordo fechado.** Disponível em: <http://oglobo.globo.com/sociedade/ciencia/lula-critica-posicao-dos-eua-na-cop-15-mas-comemora-acordo-fechado-3173989> Acesso em 22 de maio de 2016.

AGÊNCIA ESTADO. **Em discurso forte, Lula tenta salvar COP-15 do naufrágio.** Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/mundo/em-discurso-forte-lula-tenta-salvar-cop-15-do-naufragio-c22ndu97ul5fw06def5ixc30u>. Acesso em 02 de junho de 2016
ANJ. **Maiores Jornais do Brasil.** ANJ – Associação Nacional de Jornais. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/> Acesso em 09 de junho de 2016.

DIÁRIO DO PRÉ-SAL. **O que é o Pré-Sal.** Diário do Pré-Sal. Disponível em: <https://diariodopresal.wordpress.com/o-que-e-o-pre-sal/> Acesso em 17 de junho de 2016.

MARTINEZ, Marina. Conferência de Estocolmo. Disponível em: <http://www.infoescola.com/meio-ambiente/conferencia-de-estocolmo/> Visualizado em 24 de abril de 2016.

UOL. **História da Folha.** FOLHAONLINE. São Paulo. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/circulo/historia_folha.htm Acesso em 09 de junho de 2016.